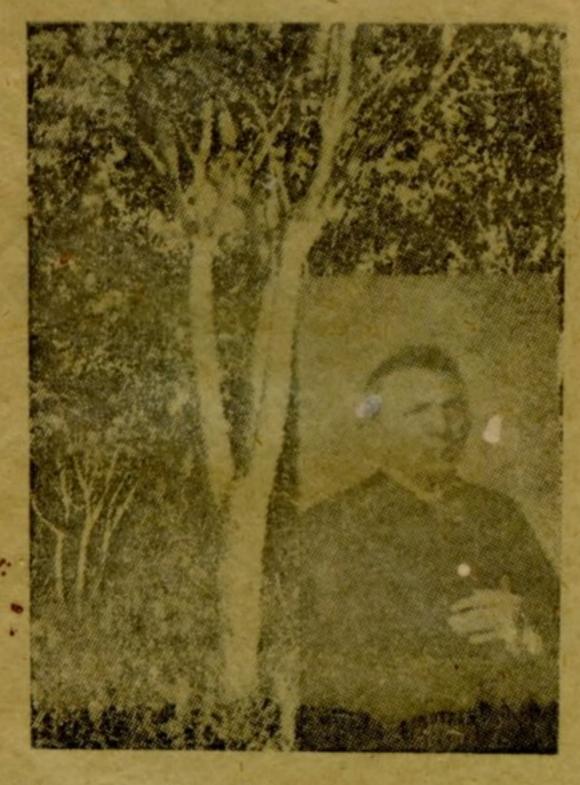
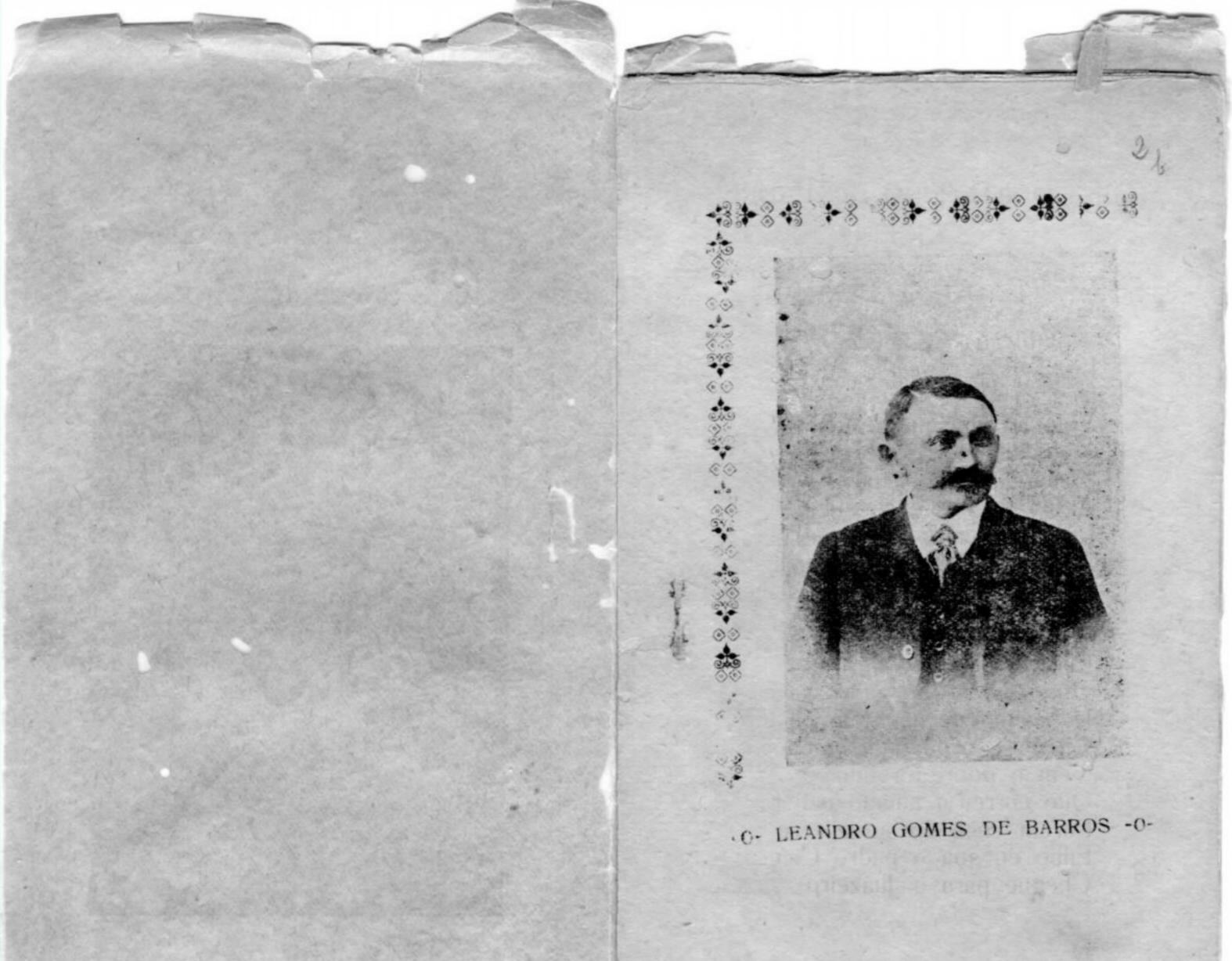
LEANDRO GOMES DE BARROS.

O JOAZEIRO DO PADRE CICERO

U Cachorro dos Mortos



VOLUME 6



O JOAZEIRO DO PADRE CICERQ

0-0-0-0

O autor da existencia Fez-em se's dias o mundo Desceu com toda sciencia Veio ao abysmo profundo Mandou a terra mover-se Mandou o sol recolher-se A lua tivesse enchente Entre a planisse e a serra, Me fez o deus desta terra Deichou-me a um padre somente

E me disse fique aqui Eu fui seu criador Olhe que ja vem alli Rebanho que não tem pastor Chega 6 orphão desvalido Vem o pobre forajido Que correu o mundo enteiro Porem você diz ao mizero Filho eu sou o padre Cicero Chegue para o Juazeiro

E disse esse grande autor Depois de je ver nascido Venceraz seje quem for E nunca seraz vancido Então entrei a crecer Comecei aflorecer Dou pousada ao mundo inteiro Si acaba tudo em geral Porem fica por signal O tronco de um Joazeiro

Ver-se pelos meus caminhos Gente deste mundo enteiro Todos estados vizinhos Rende culto ao Joazeiro yem um me traz por lembrança. Uma vacca gorda e mança Parte de seus capitaes As minhas ramas visozas Tornam-se as mais venturozas Do que todos vegetaes

Meu sollo tem produzido Muito arvoredo poçante Muitos tem merecido Titulo de arvore gigante

140. B 515()

Os planos

Elevadas arueiras Inportantes gamileiras Que excede qualquer oiteiro, Porem com toda vantagem,

Tem que render homenagem A sombra de um joazeiro

Em minhas matas nasceu
Um monje, e n'ellas crion-se,
E dentro d'ellas cresceu
Depois de tudo ordenou-se
Seu nome tem se estendido
Sua fama tem crescido,
D'aqui até muito além
No inverno e no estio.
Em meu garboso sombrio
Dorme e rebanho que elle tein.

Vem de lonje alta potencia Visitar micha grandeza. Curva-se a minha sciencia. Se umilha até a riqueza No cume de meus rochedos São revelados segrêdos, Que a outro, Deus não revela Os planos de Geová Elle os manda traser cá Escriptos n'uma tabella

Em minhas medonhas grutas
Mil serpentes são criadas
Giboias feias e brutas
Estão em meu tronco enroscadas
Sobre minhas grandes fontes
Jorra de cima dos montes
Um formidavel aguaceiro
Eu olho para a naturas
Disendo estou na altura
De ainda ser joaseiro

Das catadupas e cascatas
Vem agua a minha raiz
Minhas gigantescas matas
Engrandessem meu paiz
Sahem das mendonhas furnas
Innumeras aves noturnas,
Visitam meu taboleiro
Sobre meus ramos viçosos
Os passaros dão orglhosos
Mil vivas ao joaseiro

Sou das arvores espinhosas A que milhor sombra dá Nas minhas ramas viçosas
Tudo alli vem descançar
Alli chega o estadista
O pobre o capitalista
Em mim termina a viagem
Desde o mar a borborema
Tudo adota meu sistema,
E vem render-me homenagem

Sobre um solo pedregoso
Sugo a seiva pura e boa
Passo os verões bem frondoso,
Um padre velho me agôa
N'uma elegante planisse
Como talvez ninguem visse,
Iguais em sertões incultos
Alli pousa o viajor
Ondo aprecia o sabor
De meus saborosos fructos

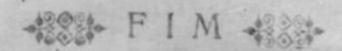
Entre os mais seres criados Maior do que eu não ha Pelos serviços prestados A familia de Tupá Minhas folhas o gado come O passarinho mata a fome Meus ramos servem de telhas Minha copa verdejante. Dar abrigo ao viante, A flor fornece as abelhas

Existe em outras madeiras
Boas obras como um louro
Dão bons esteios arueiras
Anjico curte bem couro
E' lindo o jacanrandá
Dá bon fructo o trapiá
Paos ferros são resistentes
Minha casca amarellaça,
No corpo humano que passa
Limpa a pelle e arveja os dentes

Sou velho e emraisado,
Só conhesso a natureza
Inda mesmo aperriado
Não dou parte de fraqueza
Não a ferro que me corte
Por mais que o vento se porte,
Não me faz medo seu ronco
Afronto os atos de guerra
Os filhos de minha terra
Inda conservam meu tronco.

Cheguei a ponto de ter
Meu nome como uma historia
E ouço o mundo dizer
Que sou da patria uma gloria
Meus filhos são bem nutridos
Seus feitos estão conhescidos
Sua fama se estendeu
Eu fallo a todas as cascatas
E digo a todas as matas
O joaseiro sou eu.

Ninguem tem nada commigo
Eu me conservo aqui mesmo
Venha o maior inimigo
Que não poderá por termo,
Tenho um forte documento
Do autor do firmamento
Que me disse deixe está,
Podem fazerem-te guerra
Tú és a arvore da terra
E ninguem se offenderá.



4308h

Disse o Zefirino ao velho O senhor deve apromptar Um cavallo bem ligeiro Para quando elle saltar Montar-se logo e correr Antes do pôvo chegar

Eu hoje direi a elle
Tudo que está planiado
Que côr terá o cavallo
Que á de estar alli sellado?
Diga que é o poldro cobra
No que elle andava montado

Valdevino quando soube Esta consulta que havia Ficou como uma criança Chorou alli de alegria Jurando no mesmo instante Que calar lhe pagaria Então passaram-se os dias Estava o povo aglumerado Valdevino de Amorim la ser executado Tudo alli estava esperando' Vel-o morrer enforcado

Estava o estado maior Que vinha presenciar Subiu Valdevino a forca Zeferino o foi laçar Porem elle se encolhendo Conseguiu d'alli saltar,

E sahiu como uma flexa Entre o povo se metteu Se montando no cavallo Dalli desapareceu Enternando-se no mato, N'um instante se escondeu,

O povo indignou-se
Da fuga de Valdevino
Um d'aquelles que alli estava.
Estrangulou Zefirino.
Porque esse tinha dado
Evasão ao assassino.

Porem chegou o cachorro Quasi na ocasião, Soltou dois ou trez latidos Sahiu de ventas ao chão Quarenta e trez praças foram Tambem em persiguição

Porem Valdivino ia

Em bom cavallo montado

Tinha grande desvantagem

De não ter sahido armado

E calar no rasto d'elle,

Gania muito vexado.

Foi preso o Elisiario
Como autor da evazão
O povo não o matou
Por elle está na prisão
E o bispo que sahiu
Pedindo a população

Era meia noite em ponto Valdevino inda corria O cavallo ja cançado Que nada mais resistia E o cachorro calar De vez em quando latia. Valdevino conhessendo Que nada a elle valia E o cachorro calar Seu rasto não deicharia Pençou em suicidar-se Só assim descançaria

Dentro do mato apeiou-se E amarrando o cavallo Recostando-se a uma pedra Sentiu alguem acordal-o Nisso o cavallo soltou-se Elle não poude pegal-o

Seguiu pôr uma verêda Descalço e todo ronpido Ouvindo de vez em quando Calar soltar um latido Foi sahir bem no lugar Onde o crime tinha havido

Elle viu no gamileiro Que sombriava a estrada Floriano de Oliveira Angelita e Esmeralda Sebastião soluçando A mulher d'elle prostada Vio vir uma carruagem
N'ella vinha um magestrado
Que sauceu os 5 vultos
Depois de ter se apeiado
Exclamou sangue inocente
Bréve has de ser vingado

Se montando foi embora,
N'esse momento calar
Vem com a lingua de fora
Festejou todos os vultos
E partiu na mesma hora
Um dos vultos chamou elle,
O cachorro distacou
Valdevino não ouviu
O que o fantasma falou
Só ouviu foi diser volte
E o cachorro voltou

O criminoso pençou
Que alli não escaparia
Lembrando-se de uma pessõa
Que morava na Bahia
Tinha a onde o occultar
Que nem o cachorro o via.

Era um compadre e amigo.
A quem elle protejeu
Que com dinheiro do pai,
Esse tal emriqueceu
E visitou Valdevino,
Quando a just ça o prendeu

Valdevino calculou
Eu o que devo fazer.
E' ir para o quintal d'elle
E por alli me esconder,
Ou elle ou a mulher d'elle
Um ha de me aparecer

E sakiu o assassino
Chegando lá se escondeu
Não houve alli quem o visse
Quando o dia amanheceu.
O conpadre veio fora,
E elle lhe apareceu.

Valdevino lhe pediu

Que não deichasse-o morrer

Disse-lhe o velho Roberto

Tenho aonde o esconder,

Porem mais ninguem d'aqui

Poderá disso saber.

Quatro dias decorriam
O assassino escondido,
Debaxo le umas madeiras
Estava elle alli metido
O pai d'elle na cadeia
E ia ser concluido

Um dia quarta de feira

O velho calar chegou,

A forca inda estava armada

Calar alli a olhou.

Cravando a vista no céo,

Um uivo triste soltou.

Veio alli o prezidente,

Oue trouxe o pão e lhe deu

Calar olhou para elle

Cherou-lhe os pés e gemeu

Botando o pão entre as mãos

Deitou-se alli e comeu

Chegou a força do mato
Não trazendo o criminoso
O General com aquillo
Ficou muito desgostoso.
Até o governador
Ficou doente e nervoso.

O povo ao redor da forca Só fazia lamentar Que o pai do assassino Devia se executar, Tudo pedia ao governo, Que mandasse o emforcar.

O cachorro levantou-se Como quem estava caçando, Foi a casa de Roberto Na porta ficou uivando Olhava para Roberto Partia a elle rosnando

O General com aquillo Ficou bastante nervoso E disse ao governador Eu estou muito receioso Que alli n'aquella casa Esta ocu! o criminoso

Então a força cercou
Toda a casa de Roberto
Q cachorro só faltava,
Era dizer esta bem perto
O General disse a elle
O senhor está descuberto.

AGENTES:

Parahyba (Capital)—Chagas Baptisto

Alagoa Grande - Delfino Costa
Guarabyra - A. Baptista Guedes
Em Rio Branco - Manoel Vianna
Em Manaus - Bemjamin Cardozo
Em Caruarú - João de Barros
Em Pempal (Paraluba) - Camillo X.
de Parias.

Em Sta Luzia.—Parahyba José Nunes Figueredo.

Ena no sa biblioteca particular encontra-se sempre vinte e tantas, qualidades de folheros desfe autor.

Remete-se pelo correio mediante a importancia qualquer quantidade, para qualquer Estado.

O autor reserva o direito de propriedade. ...

34—Rua do Alecrim—34 RECIFE 168